



António Quino*

C

onheci o Carmo Neto nas lides do jornalismo, ainda nos idos mil novecentos e quase dois mil, ainda como oficial superior do exército, andando (penso) na Revista Militar, órgão ligado às Forças Armadas Angolanas. Lembro-me vagamente do oficial alto, calvo, magro, de ricos bigodes aparados com algum vigor, óculos de aros finos e de andar pausado, andando em ritmo aparentemente despreocupado, mas cheio dum banga que avisto em muitos seus conterrâneos.

Depois nos descruzamos para nos voltarmos a encontrar em 2005 na rua Sebastião Desta Vez, em Luanda. Reconheci-o antes de mais pelo pomposo andar. No futebol diriam que é um falso lento. Saía eu da casa da minha estimada e inesquecível professora Amélia Mingas, de feliz memória, e ele vinha da gráfica, que havia naquela rua. Preparava mais uma edição da revista *Tranquilidade*.

Naquele ano, já ele, advogado com créditos, mas mais afamado como porta-voz do Comando Geral da Polícia Nacional de Angola. E eu, espalhado entre a Rádio Nacional de Angola, como jornalista, na escola Anangola e no Isced-Luanda, como professor. Foi uma conversa telegráfica. Menos de dois minutos cimentaram uma amizade que dura até hoje.

Na conversa breve, convidou-me: "vem colaborar na revista da Polícia". Não vacilei e embarquei, num projecto onde despontaram muitos craques da caneta da nossa urbe: Nhuca Júnior, Ilídio Manuel, Salas Neto, Manuel Feio, Carlos Miranda, Gaspar Francisco, Adelino Paim e outros que a idade não deixa lembrar.

Lembro que, na ocasião, Luanda preparava-se para acolher um evento relacionado com a Organização de Cooperação dos Chefes da Polícia Regional da África Austral (SARPPCO). Então, foi a minha primeira experiência na *Tranquilidade* da Polícia Nacional. Foi a primeira dum série de outras investidas que o então chefe do Gabinete de Comunicação e Impren-

CRONICANDO CARMO NETO A forja dum amizade sem colarinho branco



Não recordo quando, mas na qualidade de secretário geral da UEA, o neto do soba Cunga e autor do *Degravata* disse a dado momento: "a leitura, as experiências, as lendas, os contos, enfim, têm efeitos importantes na construção e reconstrução da nossa identidade e realidade"



sa da Polícia Nacional me colocou, até ser elevado a chefe de redacção.

Quando eu menos esperava, Carmo Neto já me tinha como adjunto no gabinete que dirigia, uma posição de hierarquia em que, juntos, ficámos cinco brevíssimos anos. Grandes reuniões, com gente grande, lá estava eu, tipo também já sou grande. Portanto, quando não era Dr. Carmo Neto, vinha o

chefe Carmo Neto. Até hoje, custa chamar só pelo nome. O hábito ficou. Só mesmo aqui é que me assanho a não falar chefe. Afinal, não aqui pela Ordem e pela Paz ao serviço da nação!

Foi uma verdadeira odisséia a passagem pela Polícia Nacional, as reportagens dentro e fora das nossas fronteiras, as noites sem dormir no fecho da revista, os

exercícios para o sopro de vida para cada capa, com verdadeiros mestres dessa arte, como o finado Tomás Sakaneno numa tasca na minha Calemba, ou o Irineu no Marçal, ou ainda o Carlos Roque, no Talatona. Carmo Neto deu-me um poder misturado em responsabilidade que procurei honrar.

Houve outra cena. Estávamos a preparar um spot para o natal, com a Orion. No princípio de proximidade policial à comunidade, não queríamos aquela imagem de força policial. O que fazer? Conversa puxa conversa, e Carmo Neto lembra então de fazer de mim e família os rostos da campanha. Dispensou a sua casa e, juntamente com a minha esposa – na altura grávida – e filhos, lá fomos gravando. Foi no início da tarde que iniciámos e regressámos à casa depois da meia-noite. Entretanto, estava feita a campanha de rádio, televisão e jornal.

A ele devo os meus bons amigos que fiz na Polícia Nacional e no Ministério do Interior.

Carmo Neto é “neto” de Neto

Mas também o encanto do mundo das letras nos uniu. Ele, autor com créditos e membro da União dos Escritores Angolanos (UEA). Eu, quase terminando o meu mestrado em ensino de literaturas em língua portuguesa. Fomos alinhando agulhas, até que Carmo Neto chega a Secretário Geral da UEA. Se assessoria ou não, fomos trabalhando juntos nos projectos que ele orgulhosamente embandeirava a favor do livro e da literatura. Se foi no tempo dele que cheguei a membro da UEA, só foi depois dele sair que entrei na direcção desta prestigiada associação a convite do meu mano David Capelenguela.

No seu forte senso de humanismo e a sua advocacia a favor da promoção e valorização do livro, Carmo Neto herdara uma linha de um dos mais ilustres homens desta Angola. No seu discurso proferido no acto de posse dos novos membros da União dos Escritores Angolanos, a 8 de Janeiro de 1979, Agostinho Neto manifestou um desejo: “gostaria que tudo quanto fosse expresso pelos agentes mais capazes da cultura angolana, representasse o desejo e as formas de expressão do povo”.

Não recordo quando, mas na qualidade de secretário geral da UEA, o neto do soba Cunga e autor do Degravata disse a dado momento: “a leitura, as experiências, as lendas, os contos, enfim, têm efeitos importantes na construção e reconstrução da nossa identidade e realidade”. Portanto, agarrou no gancho do Manguxi e avançou pausado como um falso lento.

Numa conversa que tivemos, das muitas que vamos tendo, talvez manifestando mesmo um desejo dos angolanos, Carmo Neto exteriorizou o seu anseio: o mundo precisa conhecer-nos mais e melhor. “A nossa literatura não é só aquela que Portugal mostra! Precisamos empreender uma forte diplomacia cultural através do livro”.

Assim surgiu a antologia que organizei, primeiro com o título “Conversas de homens no conto angolano”, em 2010. No ano seguinte, a antologia começou a andar por Portugal (2011), Egipto, Cuba, Itália. Encalhámos no

Brasil, porque a crise havia atingido o cume.

Por isso, a ele devo o meu primeiro livro posto no mercado.

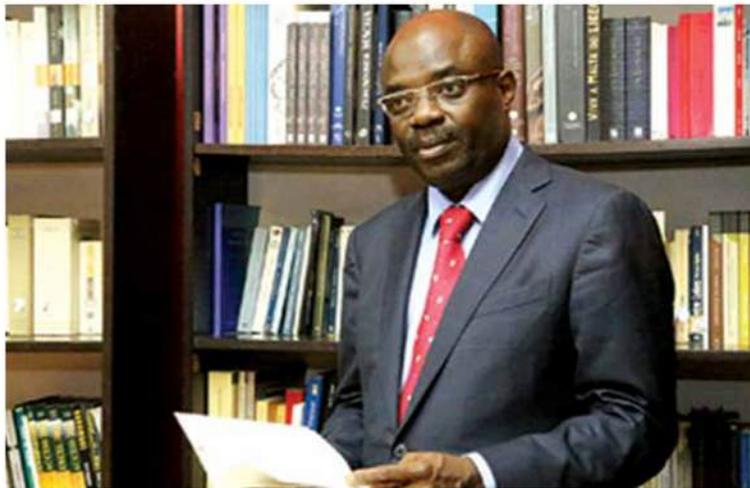
No fundo, Carmo Neto, na altura secretário-geral da UEA, pretendia mostrar ao mundo uma maior diversidade de autores, estilos, perspectivas em torno do texto literário produzido em Angola e por angolanos. A breve antologia de contos angolanos que organizamos para materializar o desejo e as formas de expressão do povo, procurou reunir autores que se tenham revelado, ou publicado inicialmente, entre 1980 e 2010, e cujo teor expressasse interesse, contexto, realidade, consciência colectiva, escolhas estéticas e temáticas de Angola e dos angolanos. Talvez pela qualidade dos textos e autores, ela faz hoje parte do Plano Nacional de Leitura de Portugal, como livro recomendado para a formação de adultos.

Vieram depois outros projectos, como o da parceria com a Fundação António Agostinho Neto para uma Cátedra na Roma Tre, que traduz a intenção de levar a cultura e literatura angolanas para a Europa sem necessidade de se “pedir licença” a Portugal.

Conservo uma particular gratidão por algo que talvez o Carmo Neto não se lembre. Fazendo eu o doutoramento no Minho às expensas próprias, ia aproveitando actividades em prol do livro, da UEA e da Universidade para as viagens, propinas e dinheiro de bolso necessários para as permanências regulares em Braga. Numas dessas viagens, estava eu no limite da matrícula e atolado de dívidas. Fazia meses que não pagava as propinas e não conseguia confirmar a matrícula. Ao tomar contacto com essa dificuldade, ele sacou do seu multibanco e pagou. No início, pensei que ele apenas tivesse pago a propina para a inscrição no ano lectivo. Quando acedi ao portal académico pelo sistema web, percebi que já não tinha dívidas com a Universidade. Fui ao seu encontro no hotel para agradecer. Não sei se ele percebeu o meu gesto de agradecimento. Carmo Neto apenas disse:

- Estamos juntos no inferno e no céu da vida!

Quem o conhece sabe que ele tem essas tiradas, narrando factos da vida como se estivesse a escrever um conto qualquer, preenchendo-nos de ironias e construindo de humorísticas personagens de realidades duras e cruas, mas



nem por isso nostálgicas.

Naquele dia, depois da conversa sobre o inferno e os céus dessa vida, lá fomos os dois por uma alegre Lisboa nocturna festejar, já não lembro porquê. Um prato especial e um vinho especial da “vinha de Deus”, em homenagem à origem de Carmo.

Portanto, é legítimo reconhecer que no meu doutoramento tem lá seus tijolos.

Mesmo a história da República do vírus, meu rebento literário, também saiu pelo vigor do amigo Carmo Neto. Peguemo de surpresa, confesso. Mostrei-lhe o que tinha em gaveta e ele avançou. A editora também avançou para a diagramação e zás. Inclusive, sem tempo para ter a biografia do autor na

ENCONTRO

Francisco Moraes Sarmiento, Carmo Neto, Francisco Soares e António Quino

primeira edição. “A qualidade é inquestionável. Para quê esperar?”, respondeu sem voltas quando falei daquela curta gestação, sem que o feto se desenvolvesse no útero do pai.

Felizmente, temos essa grata relação de amizade, traçada por António Francisco, ele, para o António Francisco, eu.

Deixa-me dizer que as minhas participações nas reuniões constitutivas da AAL, iniciaram por sugestão do Carmo Neto à comissão instaladora.

Se Carmo é também sinónimo de “jardim de Deus”, conectar-me a ele foi uma fértil proeza, um Monte Carmelo cuja firmeza permitiu materializar sonhos realizados com a graça de Deus. Mahézu, Ngana!